

Teodoro Matos Tomaz

Advogado - OAB/RS 45475

Direito Previdenciário - Aposentadoria - Pensões

Rua Machado de Assis, 407/24 Centro - Osório/RS
Fone (51) 663.3744 Cel.: 9991.3426SEMPRE
PENSANDO
EM VOCÊ

Super da Praia

A melhor carne da praia

Av. Paraguassú, 4125 ☎621.1505 Capão Novo
Rua Osvaldo Bastos ☎666.2151 Terra de Areia

Auto Elétrica JZ

Conserto de alternadores - Motor de partida
Dinamos - Instalação de som e alarme
Parte Elétrica Veicular em GeralProfissionais Especializados e Autorizados
pelo Sistema de Rastreamento SASCAR e
Bloqueadores CONNECT-CAR.Venha Revisar a
Sinalização do seu Veículo,
Gratuitamente e
Saiba se ele está em dia.O Jefferson e o Jonas estão lhe esperando,
para dar a melhor atenção, chegue e faça a sua revisão.ou se preferir, marque a sua hora
Rua General Osório, nº: 240
Sítio Luzia - Capão da Canoa / RS
☎3665.5464 / 8121.9489

VIVA BEM

5% de desconto
à vista e nas compras
a cima de R\$ 50,00 / 30 diasAluguel de muletas e
cadeiras de rodas
produtos ortopédicos
perfumaria - catálogos
☎(51) 665.1698Rua Dom Luiz Guanella, 2800/4
Capão da Canoa - RS

Auto-elétrica

LAÉRCIO

SERVIÇOS EM GERAL

SITE: laercioegoes@brturbo.com.br

EMAIL: laercioegoesjose@hotmail.com

☎ 3665.8001
e 9953.0069Rua dos Bombeiros, 216
Capão da Canoa - RS

EXPEDIENTE

W.O.SERRA EDITORA JORNALÍSTICA ME
Av. Orestes Clemente Serra, 57
Centro - Capão da Canoa - RS
CNPJ-00444854/0001-67
Fone/Fax(51)3625.3048 Cel.92.224522
E-mail: jornalcostadomar@viacapao.com
FILIAÇOS A ADJORI E ABRAJORI
Averbado no Reg. Público, livro B1 fl2 N004
Diretor: Wilmar Serra
Jornalista Responsável:
Antonio Albuquerque (Cel.9253.8743)
CIRCULAÇÃO SEMANAL:
Capão da Canoa, Xangri-Lá, Arroio do Sal,
Torres, Três Cachoeiras, Três Forquilhas,
Morrinhos do Sul, Terra de Areia, Maquiné.
Os artigos assinados são de inteira
responsabilidade de seus autores
Tiragem Média 5.000 ExemplaresASSINATURAS:
SEMESTRAL E ANUAL
3625.3048

Do mundo virtual ao espiritual

Autor Frei Betto

Ao viajar pelo Oriente, mantive contatos com monges do Tibete, da Mongólia, do Japão e da China. Eram homens serenos, comedidos, recolhidos em paz em seus mantos cor de açafrão. Outro dia, eu observava o movimento do aeroporto de São Paulo: a sala de espera cheia de executivos com telefones celulares, preocupados, ansiosos, geralmente comendo mais do que deviam. Com certeza, já haviam tomado café da manhã em casa, mas, como a companhia aérea oferecia outro café, todos comiam vorazmente.

Aquilo me fez refletir: Qual dos dois modelos produz felicidade? Encontrei Daniela, 10 anos, no elevador, às nove da manhã, e perguntei: Não foi à aula? Ela respondeu: Não, tenho aula à tarde. Comei: Que bom, então de manhã você pode brincar, dormir até mais tarde.

Não, retrucou ela, tenho tanta coisa pra fazer pela manhã... Que tanta coisa? - perguntei. Aulas de inglês, de balé, de pintura, piscina, e começou a elencar seu programa de menina robotizada. Fiquei pensando: Que pena! A Daniela não disse: Tenho aula de meditação! Estamos construindo super-homens e super-mulheres, totalmente equipados, mas emocionalmente infantilizados. Por isso as empresas consideram agora que, mais importante que o QI, é a IE, a inteligência emocional. Não adianta ser um super-executivo se não se consegue se relacionar com as pessoas. Ora, como seria importante os currículos escolares incluírem aulas de meditação! Uma progressista cidade do interior de São Paulo tinha, em 1960, seis livrarias e uma academia de ginástica; hoje, tem 60 academias de ginástica e três livrarias!

Não tenho nada contra malhar o corpo, mas me preocupo com a desproporção em relação à malhação do espírito. Acho ótimo, vamos todos morrer esbeltos: Como estava o defunto? Olha, uma maravilha, não tinha uma celulite! Mas como fica a questão da subjetividade? Da espiritualidade? Da ociosidade amorosa? Outrora, falava-se em realidade: análise da realidade, inserir-se na realidade, conhecer a realidade. Hoje, a palavra é virtualidade.

Tudo é virtual. Pode-se fazer sexo virtual pela internet: não se pega Aids, não há envolvimento emocional, controla-se no mouse. Trancado em seu quarto, em Brasília, um homem pode ter uma amiga íntima em Tóquio, sem nenhuma preocupação de conhecer o seu vizinho de prédio ou de quadra! Tudo é virtual, entramos na virtualidade de todos os valores, não há compromisso com o real! É muito grave esse processo de abstração da linguagem, de sentimentos: somos místicos virtuais, religiosos virtuais, cidadãos virtuais. Enquanto isso, a realidade vai por outro lado, pois somos também eticamente virtuais... A cultura começa onde a natureza termina. Cultura é o refinamento do espírito. Televisão, no Brasil - com raras e honrosas exceções - é um problema: a cada semana que passa, temos a sensação de que ficamos um pouco menos cultos. A palavra hoje é entretenimento; domingo, então, é o dia nacional da imbecilização coletiva. Imbecil o apresentador, imbecil quem vai lá e se apresenta no palco, imbecil quem perde a tarde diante da tela. Como a publicidade não consegue vender felicidade, passa a ilusão de que felicidade é o resultado da soma de prazeres: Se tomar este refrigerante, vestir este tênis, usar esta camisa, comprar este carro, você chega lá! O problema é que, em geral, não se chega!

Quem cede desenvolve de tal maneira o desejo, que acaba precisando de um analista. Ou de remédios. Quem resiste, aumenta a neurose. Os psicanalistas tentam descobrir o que fazer com o desejo dos seus pacientes. Colocá-los onde? Eu, que não sou da área, posso me dar o direito de apresentar uma sugestão. Acho que só há uma saída: virar o desejo para dentro.

Porque, para fora, ele não tem aonde ir! O grande desafio é virar o desejo para dentro, gostar de si mesmo, começar a ver o quanto é bom ser livre de todo esse condicionamento globalizante, neoliberal, consumista. Assim, pode-se viver melhor. Aliás, para uma boa saúde mental três requisitos são indispensáveis: amizades, auto-estima, falta de estresse. Há uma lógica religiosa no consumismo pós-moderno. Se alguém vai à Europa e visita uma pequena cidade onde há uma catedral, deve procurar saber a história daquela cidade - a catedral é o sinal de que ela tem história. Na Idade Média, as cidades adquiriam status construindo uma catedral; hoje, no Brasil, constrói-se um shopping center. É curioso: a maioria dos shopping centers tem linhas arquitetônicas de catedrais estilizadas; neles não se pode ir de qualquer maneira, é preciso vestir roupa de missa de domingos. E ali dentro sente-se uma sensação paradisíaca: não há mendigos, crianças de rua, sujeira pelas calçadas... Entra-se naqueles claustros ao som do gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. Observam-se os vários nichos, todas aquelas capelas com os veneráveis objetos de consumo, acolitados por belas sacerdotisas. Quem pode comprar à vista, sente-se no reino dos céus. Se for passar cheque pré-datado, pagar a crédito, entrar no cheque especial, sente-se no purgatório.

Mas se não pode comprar, certamente vai se sentir no inferno... Felizmente, terminam todos na eucaristia pós-moderna, irmanados na mesma mesa, com o mesmo suco e o mesmo hambúrguer do McDonald's... Costume advertir os balconistas que me cercam à porta das lojas: Estou apenas fazendo um passeio socrático. Diante dos olhares espantados, explico:

Sócrates, filósofo grego, também gostava de descansar a cabeça percorrendo o centro comercial de Atenas. Quando vendedores como vocês o assediavam, ele respondia: "Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz".

Achei interessante compartilhar isto com vocês: *Neco Martins!*

O ALMOFARIZ

Medicamentos

(51) 3665.4649

Perfumarias

Manipulação
Florais
Homeopáticas
Cremes
Cápsulas

Av. Paraguassú, 3236 - Capão da Canoa - RS

O corpo de Gioconda

Sergio Agra (*)

Naquela noite Aleph não dormiu. Os olhos enfiados da noite, que ficaram parados, horas e horas, olhando, sem ver as brasas vermelhas do... as brasas somente, porque as faíscas, que alegam, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes. Sons longínquos de uma madrugada que se anunciava como interminável invadiram o quarto. A cabeça dera voltas sobre o travesseiro na busca desesperada do sono e, quem sabe, do esquecimento do trágico episódio dos últimos dias. No meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda ora doutra, de vez em quando uma cantiga forte, de bicho vivente, furava o ar; era o quero-quero ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e que vigiava sempre, esperando a volta do sol novo que devia vir e que tardava tanto já...

Os lençóis amarfanhados jaziam sobre o carpete. O louco desejo de sentir braços, pernas e boca a envolver braços, pernas e boca de um outro corpo - o corpo de - num só corpo, diluiu-se como a bruma diáfana se deixa corromper pela luz esmaecida do amanhecer e revela Aleph, agora errante pelas ruas da cidade ainda dormente. Uma nuvem densa e baixa envolve os caminhos, os prédios, os automóveis, as praças, os jardins, os monumentos e os últimos bêbedos regurgitados pelos botequins. Na vitrina vazia, o manequim de mulher: nu, o bico róseo mutilado dos seios túrgidos deixa transparecer uma resina coagulada (o sangue dos titeres?); o braço decepado e o olho vazado. Estilhaços de vidro. O som roufenho do gramofone na casa de carnes: Cauby Peixoto, desvairado, entoava um tango (des)conhecido, *Balada para um Loco*.

A *ex-socialite*, em andrajos, cata farelos de rosquinha de broa entre as cadeiras de um cinema em ruínas. Na pequena praça: o circo a céu aberto; no picadeiro, o rabino - a barba ainda gordurosa e com vestígios do carré de porco da noite anterior - conta anedotas sobre Torquemada e as fogueiras da Inquisição. Nas arquibancadas, leões circunspetos ouvem o semita, desdenhando os rugidos da anã numa jaula próxima. Sob a mandala, o palhaço parte um cálice de cristal de e esprege azeite dendê no casal de pretos-velhos ajoelhado à sua frente. Gigantescos nacos de rosbiife enfeitam a cabina telefônica. Vindo dos lados da Catedral, o homem incrédulo, histriônico, chapéu desabado, tenta varar a nuvem abissal a bordo do aeroplano cuneiforme.

A antiga boneca de louça, o olhar mortiço, equilibra-se nos carris da estrada de ferro desativada, murmurando, em tom plangente, "...tudo está vermelho. Hoje tudo é vermelho... E agora, mamãe?..." Casais, em sodomia, gemem, lascivos, nas sacadas do sobrado da caftina *Gilda M.* Aleph tem, então, a certeza de escutar, vindo do interior dos postes de iluminação, o riso demoníaco de Lúcifer. No *foyer* do Theatro, o Menino chora pela Incompreensão. Um castelo nos pampas é envolto por perversas línguas de fogo. Em sua fuga, Aleph invade templos, terreiras e sinagogas, dispara dos porões pútridos dos quartéis, transpõe as trincheiras, ignora as granadas e os obuses, rompe o cerco do pelotão-de-choque, atravessa os manicômios e as morgues e, no cimo da montanha, de onde mira por vez primeira a cidade a seus pés alcança o arrapadouro de asas-delta. Enceta a corrida; em meio à plataforma, fecha os olhos e, naquele turbilhão, permite-se mansamente planar no vazio do incompreensível, diretamente para as profundezas de um inusitado oceano.

*) Advogado

BAR E LANCHERIA DA

Rodoviária

Du Mano Lanches

Direção: Flávio Ribeiro

ENQUANTO ÔNIBUS NÃO SAI,
OU DEMORA PARA CHEGAR,
VEM PRÁ CÁ!

FONE 9974.8492

